

Cidade, lugar do possível: experimentações para um ver a mais¹.

Larissa Corrêa Firmino²

Resumo

Este artigo relata os acontecimentos e implicações de uma oficina que integra uma pesquisa de Mestrado em Educação vinculada aos trabalhos desenvolvidos pelo Grupo Tecendo - Educação Ambiental e Estudos Culturais. Nas páginas a abaixo, o leitor irá acompanhar a experimentação proposta através de uma oficina nomeada 'Cidade, lugar do possível' juntamente à uma turma de sétima fase do curso de Pedagogia noturno da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Vale salientar que um dos objetivos desta oficina reunia interesses em movimentar o corpo e o pensamento através de imagens: deslocamentos que possibilitem a experimentação do espaço geográfico em toda, ou quase toda a sua potencialidade. Neste específico caso, o espaço trabalhado foi a região central da cidade de Florianópolis, capital de Santa Catarina. A oficina se debruçou na produção de fotografias atravessadas por um outro olhar. Olhar este que tinha o anseio de um *ver a mais* na cidade de Florianópolis: um olhar que não mais se interessava apenas em enxergar o óbvio ou 'mais do mesmo'. Mas sim, um olhar que faz o corpo vibrar em toda a sua extensão, produzindo subjetividades em imagens, grafias de um espaço singular, que chamo aqui de *fotomapas*, fotografias que juntas ao contexto desta oficina compõem um mapa. Não se está a defender que toda produção fotográfica é um mapa, apenas que, no território em que foi construído o acontecimento desta oficina, estas fotografias mapeiam 'espaços no espaço' que um mapa cartográfico tradicional não daria conta. Ao longo deste artigo, iremos acompanhar algumas pistas, que nos dão a noção de que maneira esta oficina se coloca como uma intervenção curricular que produz fugas na formação de professores, neste caso, Pedagogas que atuarão no ensino básico e fundamental.

Palavras-chave: Educação ambiental; ensino de geografia; oficina.

City, site of possible: experimentations for seeing more

Abstract

This article reports the events and implications of a workshop which is part of a Master of Education research connected to the work conducted by Grupo Tecendo - a group involved in Environmental Education and Cultural Studies activities. On the next pages the reader will follow experiments proposed through a workshop called 'City, place for the possible' in partnership with students from the seventh term of the Pedagogy program at UDESC - Santa Catarina State University. It is noteworthy that one of the goals of this project regarded moving

¹ Título inspirado no capítulo chamado "Cidade, lugar do possível" pertencente ao livro "A vertigem por um fio", de Peter Pál Pelbart.

² Geógrafa. Mestranda em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Email: laracorreef@gmail.com

both body and mind through imagery: motion which would permit experimenting geographic space in all, or nearly all, its potential. In this specific case, the target space was the downtown area in Florianópolis, Santa Catarina state capital. The workshop focused on producing photographs crossed by a different perspective. Such perspective yearned for a further look at Florianópolis: a look that is not interested in only seeing the obvious or “more of the same” anymore; instead, a look that thrills the body in its entirety, creating subjectivities on images, writings of a unique space - here, called photo maps. These consist of photographs that, applied to the context of the workshop, compose a map. The purpose in this article is not to advocate that every photograph is a map, but only that, within the space in which this workshop happened, these photos chart “spaces within a space”, in a way a regular map would not be able to fulfill. Throughout this study, some tracks will be followed in order to make sense of how this workshop positions itself as a curricular intervention in teacher education - in this case, schoolteachers who will work with elementary education.

Keywords: Environmental education; geography teaching; workshop.

INTRODUÇÃO

Tateando possibilidades

Uma forma conveniente de travar conhecimento com uma cidade é procurar saber como se trabalha, como se ama e como se morre. Albert Camus (2010)

Como nos organizamos para que as ideias que acumulamos ao longo de um determinado tempo trabalhem em nosso favor? Esta foi a pergunta que mais me preocupou ao longo do segundo semestre do ano de dois mil e doze, o período que me coloquei a pensar as oficinas sugeridas em meu projeto de mestrado. Em alguns lugares que andava por vezes me deparava com algum material ou situação no dia a dia que se ligava ao tema de minha pesquisa, e logo pensava se aquilo poderia ou não ser interessante em minhas oficinas.

Aberto pela Professora Karina Dal Pont³ um espaço para o acontecimento de uma oficina⁴, comecei a me organizar para trabalhar com cerca de onze alunas da sétima fase do curso de Pedagogia da UDESC⁵. Em algumas conversas com Karina, falei rapidamente sobre a ideia do que iria trabalhar na oficina e que esta tinha a cidade de Florianópolis como tema, marcando para as dezoito horas do dia dezoito de abril do ano de dois mil e treze meu primeiro encontro com as alunas.

³ Professora substituta da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Ministrante da disciplina de “Conteúdos e Metodologias de ensino em história e geografia” para a turma de 7ª fase do curso de Pedagogia (Noturno) – Habilitação em Séries Iniciais.

⁴ Para saber mais sobre oficinas ver trabalho de Corrêa, 1998

⁵ Universidade do Estado de Santa Catarina

Deste momento em diante, a sorte estava lançada, pois eu já tinha um grupo de pessoas com quem trabalhar além de uma data fixada para a realização de meus trabalhos. Mas não, não é aqui que se inicia a criação desta oficina. Muito antes de eu perceber, ela já vinha sendo criada. Nos meses que antecederam o ‘ultimato’ que eu mesma procurava estabelecer sobre o dia, local, hora e o público para realizar a oficina, esta já vinha sendo moldada.

Ao longo de semanas respirei a preparação efetiva da oficina. Eu precisava organizá-la passo a passo, assim como quando criança, juntamente aos colegas da escola, preparávamos as homenagens de dia dos pais e das mães. Trago esta memória de infância a esta situação, pois bem lembro que o início da organização destas apresentações era um caos, como este em que me encontrava. Éramos em cerca de quinze crianças onde cada uma queria fazer a homenagem de uma maneira. Uns queriam dançar uma música especial, outros achavam melhor cantá-la, havia os que defendiam o teatro como a melhor forma de executar a homenagem e também existia o grupo dos que preferiam confeccionar cartões aos pais. A situação em que me encontrava remetia-me a esta memória, pois era como se cada livro, música, trecho de filme, fotografia falasse a mim como uma criança querendo puxar minha atenção para o seu material na preparação da homenagem aos pais. Sentia-me perdida meio a tantas possibilidades de como fazer para que minha oficina acontecesse, e esta era a parte mais difícil para mim, visto que eu possuía muitos materiais e boas indicações de referências.

No chão da sala de minha casa, foi onde a oficina passou a tomar forma física, pois começo a agregar ao campo das ideias um roteiro de preparação e execução. Debruçada sobre o livro “Antropologia da face gloriosa” de Arthur Omar, revendo alguns trechos do filme “Tokyo-Ga” (1985) de Wim Wenders, folheando os livros “As cidades Invisíveis” de Italo Calvino, “A peste” e “Diário de viagem” de Albert Camus, perdida meio a bagunça de protetores auriculares, pedaços de tecido feltro da cor preta, agulha e linha de costurar verde, régua, tesoura, papel pardo, tubos de cola, cartolina, canetas hidrocor, lápis, giz de cera e algumas imagens sobre a cidade pus-me a inventar, melhor dizendo, a tramar aquilo que seria a materialidade da oficina e ela foi constituindo-se aos poucos.

Após tardes de muitos rabiscos, alinhavadas, recortes, dedos furados, colagens, costuras e agulhas perdidas meio ao tapete, crio um arsenal de materiais para trabalhar junto a mim nesta batalha: cartões coloridos com frases de “As cidades invisíveis” de Italo Calvino, vendas para olhos,

protetores auriculares e um painel feito de papel pardo. Com a oficina planejada, passo a contar nos parágrafos abaixo como se deu o encontro entre estes materiais e pessoas que deram tom, cor e vida a esta prática. Aqui posso dizer que estava com as ferramentas prontas, pois toda oficina requer o seu conjunto, a sua caixa de ferramentas que são operatórias dos conceitos e ou temas que se quer aprofundar. Vale lembrar que quando falo em oficinas, estou a habitar o território descrito por Corrêa e Preve, onde

Uma oficina corresponde sempre a um interesse do oficineiro. Interesse que independe de obrigações que possa ter com o cumprimento de currículos ou por força de sua formação. Não há necessidade de ater-se à sua especialidade ou área de conhecimento. A oficina inicia quando se quer conhecer algo. A pesquisa sobre o tema, todavia, só vai resultar em uma oficina quando se queira mostrar aos outros — qualquer um — o resultado do seu estudo. Quanto mais as oficinas ampliavam a liberdade de aprender dos seus participantes — os oficineiros e o conjunto das pessoas interessadas no tema apresentado para estudo — menos elas eram possíveis de acontecer nas aulas. Chegamos a um ponto em que as oficinas já eram uma produção totalmente imprópria à escola. Sua abertura aos mais diversos temas de estudo, a não limitação de faixa etária aos participantes, seu constante estado de work in progress, a não hierarquização dos saberes nem das funções, a impossibilidade de acontecer mantendo a organização e o tempo da aula, os sons que produziam e sua não compulsoriedade eram elementos por demais agressivos à organização escolar. Assim, com o tempo, a decisão de investir nas oficinas tornou-se a decisão de desenvolver um trabalho em educação que não correspondesse às exigências da escolarização. Não havia mais como retroceder (CORRÊA, PREVE, 2011, p. 197).

Florianópolis, 19 de Abril de 2013

O primeiro encontro da Oficina ‘Cidade, lugar do possível’ aconteceu em uma das salas de aula do prédio da Faculdade de Educação – FAED⁶ na UDESC, onde me reuni com cerca de onze alunas.

Durante este encontro, a oficineira se debruçou a tecer com as alunas cartografias um tanto diferentes das que já vinham sendo propostas nos livros didáticos de Geografia, bem como a cartografia que busca representar alguma

⁶ Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED

parte do espaço geográfico. Neste caso, estamos a operar a noção de cartografia colocada por Suely Rolnik, onde

A cartografia acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação dos outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos. (ROLNIK, 2006, p.23)

Como já salientado anteriormente, um dos objetivos desta oficina era produzir mapas da cidade através de fotografias: *fotomapas*. Segundo Deleuze e Guattari (1994) os mapas podem ser pensados para além de sua representação cartesiana. Através de diferentes métodos, eles podem ser produzidos de maneira estética, incorporando valores históricos, geográficos, culturais e políticos ao reconfigurarem o espaço, pois

[...] o mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social.”(DELEUZE E GUATTARI, 1994, p.22).

A oficina queria propor àquelas meninas um desvio do olhar através da fotografia para o questionamento das cartografias e dos mapas da cidade. Para que problematização apontava o horizonte da oficineira?

Somos indivíduos que se deslocam na cidade e deste modo vivemos em meio ao caos. Caos este instalado em nossas vidas cidadinas devido ao cotidiano acelerado, horários estipulados e contados para desempenhar tarefas, excesso de barulho, pessoas, construções e obrigações. A cidade é um local de passagem e,

transformado em um simples corredor, o espaço urbano perde qualquer atrativo para o motorista, que só deseja atravessá-lo. A condição física do corpo em deslocamento reforça a desconexão do espaço. Em alta velocidade é difícil prestar atenção na paisagem. Além disso, as ações exigidas na direção, leves toques no acelerador ou no freio, olhares de relance para o retrovisor, são atos incomparavelmente menos árduos que os necessários ao cocheiro de uma carruagem. Navegar pela geografia da sociedade moderna requer muito pouco espaço físico, e, por isso, quase nenhuma vinculação com o que está ao redor. (SENNETT, 2003, p.18)

O excesso de informação que nos rodeia a todo momento na cidade nos faz produtores de discursos e imagens, entretanto, segundo Sílvio Gallo (2008), “o que importa não é nem vencer o caos nem fugir dele, mas conviver com ele e dele tirar possibilidades criativas” (p.49).

Querendo a oficina aguçar possibilidades criativas através de fotografias que mapeiem o espaço, faz-se importante ressaltar que esta outra cartografia proposta, afirma outras geografias, *Geografias Menores*⁷. Geografia esta que quer colocar o corpo a experimentar, alargar o pensamento, causar deslocamentos, atravessar sensações e deformar verdades. Uma geografia de resistências, que como diz Deleuze, não quer nem contrapor, nem superar o que já existe, mas sim resistir “com”: inventando outras possibilidades de cartografar e mapear o espaço.

No primeiro dia da oficina fui aprontando a sala com pequenos cartõezinhos nas cores azul, verde, magenta e alaranjado com frases do livro “*As cidades invisíveis*”, de Italo Calvino. Fixei os cartões em cada uma das mesas que organizei num círculo, com o intuito de que todas nós pudéssemos olhar umas para as outras durante a oficina. Nestas frases busco criar um cenário, um fio condutor de minha proposta, onde a ideia é que nesse colorido de frases as alunas leiam e comecem devagar a entrar no ritmo da oficina.

Com as alunas já em sala, me apresento e quero saber um pouco sobre cada uma delas. De onde vêm, do que gostam, quais seus planos? A maioria delas era de Florianópolis, com exceção de três meninas, nas quais duas vieram do sul do estado para estudar na capital e uma outra garota que nasceu e morou em São Paulo por quinze anos vindo morar com a família na Ilha de Santa Catarina. Elas me contavam que adoravam sair para festas, dançar, beber com os amigos e viajar. Uma das alunas me falou sobre seu interesse em fotografia e filmes. A maioria delas gostaria de atuar como Professora de séries iniciais e posteriormente fazer um mestrado ou especialização na área. Após uma breve conversa com a turma, falo sobre minha pesquisa de mestrado, de minha caminhada como Professora de Geografia e conto que também fui aluna daquela Faculdade de Educação, ingressa no ano de 2008.

⁷ Para ler mais: OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de (2009). Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografia menores. Pro-posições, Faculdade de Educação, UNICAMP. Campinas, v.20, n.3(60), p. 17 – 28, Set./Dez.

Seguindo o que tinha arquitetado, narro às garotas uma história, assim como elas mesmas costumam fazer com seus alunos em sala de aula. Esta história era sobre o livro *‘As cidades invisíveis’* de Italo Calvino e sobre a origem dos cartões fixados em suas mesas, que eram fragmentos do livro que eu tentava esboçar a elas. Nesta conversa eu falava às alunas que cada frase daquela fixada em suas carteiras era como se fosse uma pegada minha para chegar ao meu projeto de mestrado. Todas aquelas frases, muito haviam feito eu pensar sobre a cidade em que eu vivia, e através delas fui produzindo um outro pensamento sobre a cidade.

Antes de eu conhecer as alunas, pedi à Professora Karina que conversasse com elas em sala para que trouxessem fotografias feitas por elas mesmas, e que a partir de seus pontos de vista, capturavam imagens sobre a cidade de Florianópolis, da cidade que era percorrida e vivida. O intuito era que as meninas trouxessem fotografias que falassem imagetivamente de Florianópolis. Meu interesse com este material era que por meio destas fotos as alunas me mostrassem o discurso da cidade que vinha sendo produzido e difundido por elas mesmas. Seriam estas imagens próprias de uma cidade vivida, percorrida e experimentada por aquelas alunas?

Iniciada a conversa começamos a falar sobre as fotografias que as alunas trouxeram para a oficina. As imagens escolhidas retratavam uma Florianópolis bastante clichê, como podemos acompanhar nas falas que se dão a seguir⁸. Eram imagens de uma cidade comum a todas elas e muitas meninas reconheciam os locais das fotos umas das outras:

“- Esse pôr do sol na beira mar tá lindo!”

“- Esse cantinho da lagoa é muito bom de ir no outono, né? É lindo e bate um sol muito gostoso”.

“- Adoro a vista do mirante do morro da cruz! Dá pra ver como o mangue é grande”.

A medida que conversávamos sobre as fotografias trazidas, propus a elas que montássemos um painel com estas fotos no papel pardo que eu havia levado para a sala de aula. Com um painel inicial feito, pedi para que elas dessem um nome para ele, e o chamamos de *“Florianópolis em imagens: como eu a vejo”*.

⁸ As falas das alunas foram registradas através de um gravador levado por mim durante o período da oficina e estão transcritas no texto entre aspas e em fonte Times New Roman modo Itálico.

Parti então para uma conversa com elas sobre aquelas fotografias que foram escolhidas para estar no nosso painel. Qual o motivo delas terem trazido aquelas fotos em especial? Por que a escolha daquelas fotos e não de outras? Escuto atentamente suas justificativas, e estas meninas falam de suas imagens e de sua cidade percorrida. Muitas delas relatam que a escolha da foto se deu devido àquele ser o espaço percorrido por elas no dia a dia, por ser um lugar ligado a sua infância, o lugar onde moram com suas famílias, ou um lugar que elas nem percorrem diariamente, mas que acham bonito, simpático e que de alguma maneira lhe cativam.

Chama atenção que o discurso destas garotas está fortemente ligado ao fato de Florianópolis ser uma cidade que possui muitos atrativos marcados culturalmente como naturais: praias, morros cobertos de vegetação nativa, lagoas, dunas. “*Esse lugar é bonito*”. “*Nossas praias são as melhores*”. “*Floripa é linda, aqui tem muito verde ainda*”, dizem as meninas enquanto olham as fotografias umas das outras. Esta questão estética da cidade ‘bonita por natureza’ é muito clara na fala destas garotas. Uma delas até me conta que quando estava produzindo suas fotografias, buscou focar a questão da natureza da cidade, por conta de saber que eu era licenciada em Geografia, logo, segundo ela, eu era uma estudiosa do meio natural, me dizia a aluna.

Dando continuidade ao que tinha preparado, questiono-as: se pudessem trazer mais fotos para compor o nosso painel, de que imagem seria? “*A ponte! Faltou a ponte!*”⁹, me diz rapidamente uma delas, e a resposta é acolhida com ênfase por todas as colegas, que afirmam com as cabeças movimentadas em sentido afirmativo e incontestável.

Tento travar um debate entre elas sobre os fortes símbolos existentes na cidade e de que maneiras eles podem vir a reproduzir um discurso fazendo uma ligação com as fotografias que elas me trouxeram. Falo sobre a vida agitada na cidade, sobre seu ritmo frenético, que estamos sempre apenas de passagem por ela sem tempo de parar, experimentá-la e observá-la. Indago-as então, se é possível, meio a este universo de informações e símbolos que é construída a cidade, produzir maneiras de vê-la de outros modos?

Convido-as a participar de uma pequena experimentação num espaço bastante conhecido e vivido por elas diariamente, a Faculdade de Educação. A

⁹ Em referência a Ponte Hercílio Luz, um dos principais cartões postais da cidade de Florianópolis.

tarefa é se deslocar dentro do prédio e arredores da Faed com os olhos vendados e ouvidos vedados com protetores auriculares. Que outras sensações, visões e percepções além das que já estamos habituados, aquele local poderia vir a ativar em nós? Que outra Geografia poderia acontecer se ativássemos um outro modo de percorrer este espaço? Aqui começamos a nos movimentar, literalmente, na direção da proposta da oficina: experimentar o espaço já conhecido (da Faculdade de Educação) de outras formas e produzir uma outra Geografia para aquilo que até então nos é tão familiar.

Enquanto as meninas tentam se entregar ao que propus, coloco-me a observá-las e segui-las para tentar captar as falas, as impressões e os bastidores do jogo que apresentei a elas. Como é difícil propor uma experimentação do espaço, da mente e do próprio meio, quando nos deparamos às estruturas consolidadas que a universidade vem cultivando há anos nela e em cada um de nós. A todo momento as alunas querem saber ‘*pra que serve a minha oficina?*’, ‘*Qual a utilidade desta oficina no dia a dia da escola em que elas irão trabalhar quando formadas Pedagogas?*’. Durante a oficina, em minhas perguntas e tentativas de iniciar conversas e debates me deparei com muitos silêncios, rostos confusos, interrogações no olhar, testas franzidas, olhares cansados e até mesmo com algumas conversas entre as alunas escutadas de canto por mim: “*Pensei que ela viesse nos ensinar o que podemos mostrar pras crianças na cidade, sobre meio urbano, sabe? Porque isso é matéria do quarto ano na geografia!*”. Enquanto a oficina acontecia, percebia muitos outros movimentos acontecendo ao mesmo tempo: olhares insistentes nos relógios de pulso, as constantes checadas nos celulares, os bilhetinhos que rodavam entre as carteiras, além das frequentes saídas de sala para tomar água ou ir ao banheiro.

Além de toda a conversa que circulava sobre a utilidade pedagógica e prática de minha oficina, percebo que o dia escolhido para realizá-la me foi bastante caro. Nos reunimos para iniciar a oficina as dezoito horas de uma sexta feira, o dia da disciplina de “Conteúdos e metodologias de ensino em história e geografia”. Contudo, além de as meninas chegarem todas bastante atrasadas para a oficina, logo de início uma delas me abordou para que pudéssemos negociar um horário de término da oficina, pois naquele dia todas as garotas da sala iriam a uma festa universitária em comum.

Bem, eu não tinha ido realizar a oficina com um horário exato de término, apenas havia combinado com a Professora Karina de não extrapolar para além das vinte e uma e trinta. Ou seja, a priori, tínhamos cerca de três

horas para que a primeira parte da oficina fosse realizada, e eu me preparei para isso. Relutante, fixei então com a aluna que não passaria das vinte e trinta, e claro, isso veio complicar bastante o andamento da oficina, uma vez que tive que apressar minhas falas e o tempo que tinha planejado para a experimentação do espaço. Confesso que fiquei bastante chateada, pois estava há meses me preparando para aquele momento e esperando que tudo pelo menos pudesse acontecer da maneira prevista.

Pois bem, voltando à proposta com as vendas e os protetores auriculares, observo que nem todas as meninas levavam a experimentação a sério, diferente de poucas de outras delas. Para algumas alunas, aquele momento era engraçado: sair da sala vendada com a ajuda de uma de suas colegas. Elas tiravam muitas fotos em seus celulares com o intuito de postar nas redes sociais, comentavam sobre as roupas que usariam na tal festa, brincavam sobre coisas acontecidas em outros momentos do dia, riam umas com as outras contando sobre as coisas dos seus trabalhos. Eram meninas muito divertidas, jovens e cheias de energia. Contudo, naquele dia, o foco me parecia ser outro, não a oficina.

Feita a experimentação voltamos a sala de aula, e eu as pergunto como foi percorrer a Faed de uma outra forma? Quais as sensações que se passaram naquele momento? O que de diferente pode ser percebido que no dia a dia nunca foi notado? Há algo neste espaço que jamais fora notado antes devido a forma que ele sempre foi experimentado?

Algumas delas querem conversar sobre aquele momento da oficina, a experimentação. Uma das alunas me diz que se sentiu muito insegura ao longo do trajeto que ela foi optando por perder-se. A falta da visão para percorrer o espaço lhe deixou com medo, mas que muitas vezes pelo som ou pela iluminação, ela sabia onde estava.

Uma outra aluna me relata que o barulho do prédio fica muito mais aparente e perceptível, uma vez que ela optou por fazer a experimentação sem o protetor auricular. Sinto que as meninas não queriam falar muito, eu as perguntava, dava espaço, e nada acontecia. Silêncio também é resposta! Então pedi que elas desenhassem ou escrevessem sobre nossa experimentação, mas algumas delas já se arrumavam para sair, pois estávamos nos aproximando das vinte horas e trinta minutos, como combinado. Era um sinal!

Entendi o recado e fui finalizado nosso primeiro dia de oficina. Pedi para que as alunas me encontrassem na escadaria da catedral metropolitana de

Florianópolis, às dezoito horas da sexta feira posterior e que levassem câmeras fotográficas para o segundo dia de nossa oficina. Todas concordaram com o local e o horário, me confirmando presença para a segunda etapa de nossos trabalhos.

PERDER-SE NA CIDADE: CARTOGRAFIAS OUTRAS

Florianópolis, 26 de Abril de 2013

Neste segundo momento da oficina encontro-me com as meninas na escadaria da catedral metropolitana de Florianópolis, às dezoito horas de uma sexta feira. Três das nove meninas levaram câmeras digitais, as demais levaram celulares com câmeras. Já ali mesmo, sentadas na escadaria conversávamos sobre a cidade de Florianópolis. Uma das meninas me diz “- *Olha só como o espaço muda dependendo do horário! Chegamos aqui e era dia – as barraquinhas estavam todas montadas e com pessoas comprando coisas. Agora já é noite e os vendedores estão desmontando tudo e voltando para suas casas. O centro estava agitado e agora tá se esvaziando aos poucos*”.

Uma outra aluna me mostra um relógio digital que fica na cobertura do prédio do BNDES (Banco Nacional do Desenvolvimento), o qual segundo ela nunca fora percebido por si própria “- *E olha que eu passo por aqui todos os dias*”, me diz a garota.

Com todas as alunas reunidas no local, segui junto a elas na tarefa de nos perdermos no centro de Florianópolis. Não havia uma pré demarcação das ruas pelas quais eu iria passar, meu interesse era me perder na cidade juntamente às meninas para que elas fotografassem esta outra cidade que Florianópolis poderia vir a ser.

Em uma breve fala, chamei atenção das alunas para o plano em que nossas fotografias sempre são produzidas. Quem sabe um outro olhar na cidade se inicie com o deslocar do plano da câmera para outras direções? Se provocássemos alguns efeitos sobre nossas fotografias, como por exemplo, o desfoque, quem sabe esta cidade pudesse aparecer de outra maneira? E se as sensações do nosso corpo pudessem aparecer em nossas fotografias, de que maneira elas apareceriam? Se fosse para expressar a vertigem ou outra sensação produzida pelo nosso corpo ao percorrer a cidade, de que forma essas fotografias se apresentariam?

Pedi também para que elas dessem atenção aos detalhes, às pequenas coisas, ao que estava escondido, ao não visto, às pessoas, às coisas marginais da cidade que não estavam tão evidentes no dia a dia, mas que compunham a cidade. Também comentei com elas para que procurassem não andar muito juntas umas das outras, e que se concentrassem no trabalho, em suas percepções, em seus olhares sobre a cidade que estávamos a percorrer.

Neste segundo momento da oficina, também achei importante frisar às alunas o quanto era importante a entrega e a seriedade delas naquele momento. Falei sobre o quanto estudei, pesquisei e me preparei para estar ali e que não era nada fácil pra mim esta parte de meu trabalho, as oficinas. Logo era de suma importância a seriedade e atenção delas para com este momento da pesquisa. Ressalto também que meu estudo compõe com o olhar do outro, ou seja, minha pesquisa não existe sem elas e as outras pessoas que eu viria a realizar a oficina. Logo, tratava-se de um trabalho que busca olhar algo muito particular, sutil e delicado. Algo muito pessoal. Uma educação em Geografia que olhasse para o outro com verdade e que respeitasse a concepção das pessoas sobre a cidade. “- *É disso que se trata meu trabalho: de fazer existir no espaço aquilo que não é contado nos livros didáticos, na mídia, nas revistas, nos jornais, nos cartões postais e nos panfletos turísticos.*”

Sinto que minha fala em relação à seriedade da pesquisa foi muito importante e dali para frente as meninas passam a ter uma maior entrega ao que estou propondo. O silêncio depois de muitas tentativas acontece! As fotografias vão sendo produzidas, e aos poucos, muito lentamente, entre uma conversa desinteressada aqui e um encontro com um conhecido no centro, a oficina vai causando a entrega das alunas e quando me dou conta, as meninas estão perdidas na cidade, fascinadas com o que encontram, assustadas com a apatia e rapidez que o dia a dia corrido nos submete às invisibilidades da cidade. Elas me chamavam, me mostravam coisas, pessoas e me falavam sobre o centro da cidade que elas percorriam.

Luana¹⁰ me falava que quando era mais jovem o centro era o lugar que ela mais andava, pois morava ali perto, na Rua Tenente Silveira. Disse-me o quando gostava de ficar sentada tomando vinho na escadaria do Palácio Cruz e Sousa com os amigos nas noites de sexta feira, como aquela ali que estávamos. “- *Na época o centro não era perigoso, nós andávamos em bandos e íamos*

¹⁰ O nome das alunas foi inventado para garantir o anonimato das mesmas.

embora a pé mesmo. Não tinha perigo, nunca ninguém foi assaltado nem agredido”.

Sílvia, uma outra aluna, ficou estarelecida com a quantidade de lixo que encontrou frente às lojas, lanchonetes, restaurantes e café do centro da cidade com o chegar da noite, algo que não se vê de dia. “- *A gente não tem noção da quantidade de lixo que nós produzimos. Olha só esse monte de lixo apenas desse café*”.

Vanessa e Marília me chamaram para relatar que no momento em que faziam algumas fotos, uma senhora que vendia pipoca frente ao Mercado Público de Florianópolis as chamou e perguntou “o que faziam ali fotografando a cidade de noite?”. Elas responderam que era um trabalho da Universidade que tinha como objetivo se atentar ao invisível da cidade que vivemos. As meninas me disseram que a senhora ficou encantada com a proposta e que começou a contá-las sobre a sua cidade invisível. Dentre as coisas que a senhora falava às meninas estava o fato de ela achar que o centro é a parte da cidade que mais faz as pessoas entrarem em contato umas com as realidades das outras. A senhora dizia que “- *Aqui anda pobre, rico, preto, amarelo, branco, índio, mendigo, empresário, estudante, prostituta, enfermeira, professora e viciado*” quase que como já soubesse aquilo que Albert Camus (2010) fala em seu livro ‘A peste’, que “Uma forma conveniente de travar conhecimento com uma cidade é procurar saber como se trabalha, como se ama e como se morre” (p. 08).

Quando chegamos ao Mercado Público de Florianópolis e o relógio marcava vinte e uma horas passadas. Percebo que está na hora de encerrar a oficina, pois não quis que ficasse muito tarde para as alunas que dependiam de ônibus. Agradei a todas as meninas pela disponibilidade e pedi que elas enviassem as fotografias escolhidas para o meu email.

Na oficina nos colocamos a experimentar os possíveis olhares para com a cidade de Florianópolis, ou seja, no sentido de *um ver a mais*, através da experimentação noturna, uma forma de demorar-se sobre este espaço que percorremos todos os dias, mas que ainda assim, não é explorado em toda sua potencialidade. Algumas das alunas que participaram desta oficina enviaram suas fotografias, que se apresentam como respostas que a cidade nos dá a todas as perguntas questionadas por nós durante a oficina: um *fotomapa* do lugar do possível, pois assim como Italo Calvino (1990) nos chamou a atenção na epígrafe deste artigo, “*de uma cidade não aproveitamos suas sete ou setenta maravilhas, mas a resposta que dá as nossas perguntas*” (p. 42).

REFERÊNCIAS

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMUS, Albert **A peste**. Trad. Valerie Rumjaneck. 2ª edição. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010.

CORRÊA, G. C; PREVE, A. M. H. A educação e a maquinaria escolar: produção de subjetividades, biopolítica e fugas. **Revista de Estudos Universitários**, v. 37, nº 2, p. 181-201, 2011. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php?journal=reu&page=article&op=view&path%5B%5D=652> . Acesso em 22/05/2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34. 1994.

GALLO, Sílvio. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: Record, 2003.